

OBSERVARE 1st International Conference

16 - 17 - 18 November, 2011

I Congresso Internacional do OBSERVARE

16 - 17 - 18 Novembro, 2011

INTERNATIONAL TRENDS and Portugal's Position



AS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS e a posição de Portugal

Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>

O Fim da Guerra Fria foi um Desastre Estratégico para Portugal?

Bruno Cardoso Reis
Instituto de Defesa Nacional

Palavras chave: Portugal, Pós Guerra-Fria, Crise global financeira, *Grand Strategy*

Um político importante português classificou o fim da Guerra Fria como “O Maior Desastre Nacional para Portugal desde a derrota de Alcácer Quibir em 1578”. Pretendia dizer com isso que um determinado modelo estratégico a partir do enorme investimento europeu na modernização de infra-estruturas materiais e, em menor grau, em capital humano, teria feito de Portugal a porta de entrada barata e ideal para o investimento estrangeiro na CEE na década de oitenta. Contudo, o colapso do modelo comunista e a globalização do capitalismo tornou o modelo de mão-de-obra barata para Portugal insustentável. A isto podemos acrescentar o facto de Portugal se ter tornado cada vez mais periférico do ponto de vista estratégico. A adesão à NATO e à UE após 1989/1991 tornou-se menos exclusiva e um privilégio menor. O impacto diferencial da entrada no Euro, assim como o da liberalização do comércio global e de capitais, tornou Portugal ainda mais marginal. Após 1989/1991, Portugal ou a Grécia podiam ser autorizados a falhar de uma maneira que não acontecera antes – já não podiam continuar a ser encarados como prova do fracasso do modelo ocidental, como uma fenda potencialmente perigosa no muro que separava os dois blocos da Guerra Fria. O colapso da Jugoslávia podia ter sido visto como um exemplo precoce e extremo de um problema mais amplo da periferia da nova Europa e Ocidente do pós-Guerra Fria. Assim, que podemos fazer? Fazer uso máximo das nossas fraquezas, do risco sistémico mais amplo que o Euro criou juntamente com os inventivos distorcidos que foram parcialmente responsáveis pela crise. Mas para isso, especialmente em tempos de grande incerteza e risco, devemos ter uma estratégia, e uma que não assente unicamente em austeridade pura e num mítico Estado mínimo, ou num conceito autárquico albanês.

Temos que nos atrever a propor algumas medidas sustentadas por algum apoio externo para sairmos da crise, reforçar a governança da Europa, tornar as Finanças menos altaneiras, e oferecer incentivos a médio prazo em troca de sacrifícios a curto prazo. Uma Estratégia nacional e Europeia não é um luxo, mas, mais do que nunca, uma necessidade. Por último, mas não menos importante, a segurança não é um luxo neste contexto, e pode ser transformada numa mais-valia estratégica de forma mais ou menos óbvia.

Bruno Cardoso Reis – Licenciado e Mestre em História Contemporânea pela Universidade de Lisboa (FLUL). Mestre em Estudos Históricos pela Universidade de Cambridge e Doutoramento em Estudos da Guerra pelo King's College de Londres. Investigador pós-doutoral no Instituto de Estudos Sociais (ICS-UL) e investigador associado no King's College em Londres. Conselheiro do Instituto de Defesa Nacional. Professor Convidado da Universidade Nova de Lisboa, *Senior Fellow* no Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais e Professor de *Grand Strategy* e Segurança na Universidade Católica. Autor de diversos artigos científicos.